

Lições do pleito

Toda eleição é um fato novo. Variam sempre as circunstâncias e certo número de pessoas influentes. Pelo menos, há quantidade maior ou menor de eleitores. Há eleições, porém, que são mais marcantes do

que outras: assim esperadas. O pleito agora realizado, e que ainda se completará em segundo turno para municípios importantes, tem características singulares. É o primeiro e último, na transição do século. Será o derradeiro antes das eleições gerais de 2002. Deverá servir de elemento verificador da conveniência, ou não, de ser mantido o regime de reeleição. Normalmente, significará dado valioso para a reforma política, especialmente com relação ao quadro partidário.

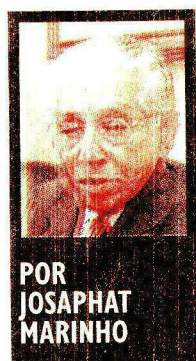
Embora natural a variedade de interpretação, é certo, antes de tudo, o expressivo crescimento do PT: não só em quantidade, também em importância de municípios.

Pelo aumento revelado na capital de São Paulo e em municípios de vulto em diversos estados, inclusive na Bahia, tudo indica que está conquistando o apoio de outras classes, além dos assalariados. Os partidos conservadores não podem ignorar esse pormenor, à vista das eleições gerais em dois anos.

Os demais partidos de esquerda, menos vinculados à classe operária, têm que rever suas diretrizes para penetração maior no corpo eleitoral. Mesmo o PPS não deve enclausurar-se no progresso obtido, pois tal êxito resultou, grandemente, da presença de Ciro Gomes como candidato à Presidência da República, e não de força apenas da legenda.

Os resultados dos centros suscetíveis de segundo turno indicam, em média, que a reeleição não cria condições de permanência do sistema. O que ocorreu em Belo Horizonte, Recife e Curitiba é indício veemente de que o eleitor tende a mudar, ainda quando não é mau o administrador. O fenômeno se repetiu mesmo onde houve vitória no primeiro turno, visto que as diferenças não foram, em regra, de largos percentuais, tendo em conta, sobretudo, a variedade de situação entre os concorrentes, com os privilégios dos que estavam no poder. O decurso do tempo irá mostrando o desgaste, à semelhança do que apura com o presidente Fernando Henrique.

Salvo reversão do panorama econômico, financeiro e social,



POR
JOSAPHAT
MARINHO

que não parece de mudança sensível nos próximos dois anos, a inclinação normal será de aumentar o descontentamento coletivo com o governo, nas três áreas de competência: a federal, a estadual e a municipal. Em consequência disso, lógico é prever mais amplo poder de decisão do elei-

torado no sentido de mudar, especialmente com a garantia do aperfeiçoamento visível dos mecanismos da Justiça Eleitoral. Os vícios que envolviam o processo eleitoral vão sendo eliminados, e nesse rumo também se reduzirá o abuso do poder econômico. As garantias institucionais do voto secreto e do processo eleitoral fortalecem e despertam a consciência política, libertando-a de todo jugo ultrajante. O anseio natural de renovação, que se estende a todas as instituições, desaconselha a prática da reeleição. No plano político, especialmente, deve ser banida, por completa limpidez do processo eleitoral.

O ANSEIO
NATURAL DE
RENOVAÇÃO,
QUE SE
ESTENDE A
TODAS AS
INSTITUIÇÕES,
DESACONSELHA
A PRÁTICA DA
REELEIÇÃO

Por isso, e pelo que o pleito refletiu, os partidos políticos, por sua vez, não podem subestimar as mudanças reclamadas. Das observações mais simples às de profundidade, tudo exige alteração na vida partidária. Salvo quanto ao PT, e a uma ou outra exceção localizada, as siglas não aparecem nas propagandas eleitorais. Nos comícios,

pouco, ou nunca, se lhes refere a denominação. A campanha é a reprodução de nomes, dos candidatos, ou de alguns líderes políticos. Os partidos são relegados ao desprezo. Daí, também, as alianças mais absurdas, por simples interesses locais. Submetidas a esse aviltamento, as organizações não têm condições ou estímulo para sua renovação. Praticamente não se reúnem nem decidem: seguem o destino que lhes é imposto. Veja-se como é diferente, por exemplo, o Partido Socialista francês. Quando venceu a eleição, na atual conjuntura política, o partido é que projetou Jospin, embora este venha, como primeiro-ministro, correspondendo à confiança de seus correligionários e do povo francês. A eleição de 1º de outubro está a demonstrar que, se mudanças de alcance político e ideológico não forem efetuadas, outras e relevantes surpresas ocorrerão em 2002. O império do homem não resiste quando as mudanças têm perspectiva histórica.

JOSAPHAT MARINHO, EX-SENADOR, É PROFESSOR EMÉRITO DA UNB E DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA E DIRETOR DA FACULDADE DE DIREITO DA UPIS